
KENNETH DAVID JACKSON

Yale University

O Texto do Folclore Indo-Português

169

Os textos orais — versos, histórias, provérbios, adivinhas e cantigas — levados nas embarcações portuguesas e de que sobrevivem hoje inúmeros exemplos na Índia e no Sri Lanka desempenharam um papel fundamental na criação e na preservação de uma expressão cultural indo-portuguesa bem distinta, a qual se desenvolveu ao longo de muitos anos de contacto ao mesmo tempo que contribuía para a promoção de

novas formas de identidade cultural e de coesão social.

Os povos indo-portugueses habitam um mundo espiritual de alteridade, a meio caminho entre as realidades portuguesa e indiana. O seu modo de vida é, em si mesmo, símbolo de transformação e transfiguração, pois nele se juntam continentes, raças, línguas e práticas religiosas, num sincretismo muito singular de materiais originários de Portugal, da África e da Ásia.

A bordo das embarcações portuguesas, em finais do séc. XV e princípios do séc. XVI, o mar ondulante e a linha abstracta do horizonte talvez pressagassem os limiares estéticos de um enigma vindouro: a implantação, por todo o Oriente, de um simulacro visível da sua civilização, de um paradigma que, de forma inesperada e contudo inevitável, constituiu um novo sistema de cultura eurasiático ou indo-português ⁽¹⁾. Cruzando a lonjura dos mares, os navegadores portugueses puseram em risco a sua identidade, motivados pela alteridade e pela estranheza de um mundo oculto. Quanto à forma, a viagem foi uma metáfora para designar aquilo que era intrinsecamente “outro” e para a ausência, e foi através dela que, em última análise, os viajantes que demandaram a Ásia criaram insuspeitadas formas latentes de si próprios, explicadas em termos de uma nostalgia do possível ⁽²⁾. Para outros povos, e concretamente para os

⁽¹⁾ As bibliografias mais extensas sobre o mundo português na Ásia são as de Daya Silva (1987) e de Henry Scholberg (1982).

⁽²⁾ Num estudo sobre o poeta português Fernando Pessoa, apresentado em Macau em 1988, António Tabucchi argumenta no sentido de que a dinâmica da essência “outra” deste poeta, ou seja, das personalidades

descendentes mestiços que aceitaram a identidade indo-portuguesa, a mudança étnica radical implicou uma aparência de alteridade mais exterior, debaixo da qual se ocultava uma presença cultural desconhecida e deslocada. A tese da minha investigação sobre as tradições literárias e folclóricas portuguesas na Ásia, iniciada no Sri Lanka em 1973, defende que os textos orais e a música levados nas embarcações portuguesas desempenharam um papel fundamental na criação e na preservação de uma expressão cultural indo-portuguesa bem distinta, que se desenvolveu ao longo de décadas de contacto ⁽³⁾. O texto folclórico daí resultante — definido, na esteira de Elizabeth C. Fine, como uma inter-relação ou translação entre o desempenho (“performance”) e o meio de comunicação em que tenha sido impresso — difundiu-se por toda a sociedade indo-portuguesa, promovendo novas formas de identidade cultural e de coesão social ⁽⁴⁾.

Os versos, as histórias, os provérbios, as adivinhas e as músicas que caracterizam a cultura indo-portuguesa representam todo um sincretismo de materiais originários de Portugal, da África e da Ásia ⁽⁵⁾. A nível local, este folclore foi mantido em comunidades costeiras de composição mestiça constituídas por povos que se diziam portugueses e que falavam um português arrezado (“pidgin”) ou crioulo ⁽⁶⁾. Se considerarmos a mistura racial, religiosa e cultural que os caracterizava, a sua identificação ao nível local como sendo portugueses não só representou uma mudança de significado no que se refere à nacionalidade do acto da descoberta como assinalou também uma viagem ou uma emigração das respectivas identidades em direcção a uma realidade de tipo

heterónimas por ele inventadas, tem de certo modo a ver, ainda que obliquamente, com uma nostalgia do que seria ou do que podia ter sido, numa fuga paradoxal do eu em direcção a formas absolutas e plurais. A “presença” portuguesa na Ásia é, nestes termos, uma forma universal de se ser outro, e a nostalgia da distância pura e abstracta constitui uma das suas forças motivadoras.

⁽³⁾ Alan Loman e Joan Halifax (1971) debruçam-se sobre o estudo do texto da canção popular ou folclórica enquanto indicador cultural.

⁽⁴⁾ Entre os investigadores que, depois de 1970, levaram a cabo trabalho de campo sobre as comunidades indo-portuguesas e a língua crioula contam-se Alan Baxter, J. Clancy Clements, M. H. Goonatilleka, D. E. Hettiaratchi, Dennis McGilvray, Ian R. Smith, Laurentiu Theban, Isabel Tomás, e nós próprios.

⁽⁵⁾ A nível literário e cultural, esta hipótese segue as teorias linguísticas de Ian F. Hancock acerca do conteúdo africano e asiático dos dialectos crioulos portugueses.

⁽⁶⁾ A linguista portuguesa Isabel Tomás publicou uma bibliografia vasta e abrangente das formas de crioulo português no Oriente (1992).

diferente, fosse ela eurasiática ou mestiça. Como diz Ian R. Smith (1977: 13), o facto de tais grupos se identificarem com os Portugueses nada tinha de extraordinário, uma vez que estes ocupavam o topo da ordem social estabelecida. Aquilo que ficou, no entanto, ofuscado por esse simulacro de civilização portuguesa, no enigma de um novo paradigma afro-asiático, foi uma identidade que atravessava várias categorias sem contudo pertencer totalmente a nenhuma delas. O sociólogo do Sri Lanka Michael Roberts, ao estudar a população de *burghers* do seu país, chamou-lhes "gente do meio", por não encaixarem em nenhum contexto ou categoria nacional que não o seu próprio (7).

Em sentido geral, a expressão texto folclórico indo-português designa um *corpus* coerente de materiais, ainda só parcialmente coligidos, *corpus* esse que constitui um sistema de cultura que por sua vez representa a tradição expressiva mantida ao longo dos tempos pelas comunidades portuguesas espalhadas pela Ásia. Há já mais de um século que homens como Adolfo Coelho, Sebastião Dalgado, H. Schuchardt, Tavares de Melo e José Leite de Vasconcelos, secundados por outros linguistas e estudiosos europeus e asiáticos, procederam ao estudo dos dialectos crioulos e à recolha assídua de textos folclóricos por toda a Ásia. Começaram, então, a surgir em letra de forma contos tradicionais, provérbios, adivinhas e composições em verso, ora apensos a gramáticas e a léxicos, ora publicados em revistas asiáticas ou portuguesas como *O Oriente Português* (Goa), a *Revista Lusitana* (Portugal), ou *Ta Ssi Yang Kuo* (Macau/Lisboa). Na Índia, Jeronymo Quadros e António Moniz publicaram testemunhos significativos, ainda que pouco conhecidos, do folclore indo-português em Diu e em Damão, respectivamente (8). O cotejo crítico de textos recolhidos em regiões muito afastadas entre si demonstra a existência de um folclore de tipo único, claramente con-

(7) Tissa Fernando (1972) definiu e estabeleceu a oposição entre "burghers" oriundos da Holanda e de Portugal. Estes últimos, também conhecidos por "mecânicos", caracterizavam-se pelo seu gosto pela dança, pela bebida e pela música, bem como pelos seus antecedentes raciais mistos e pela ausência do sistema de castas. Os "burghers" distinguiam-se das sociedades budista e hindu que os rodeavam, por quem eram vistos como curiosas degenerescências. Para uma história social dos "burghers" do Sri Lanka, consulte-se a obra de Roberts (1989).

(8) Posteriormente, alguns estudiosos portugueses, entre os quais David Lopes e António Silva Rego, continuaram a estudar e a documentar a expansão da língua e dos textos folclóricos portugueses na Ásia. Esse trabalho pioneiro tem vindo a ser prosseguido na investigação contemporânea levada a cabo por, entre outros, Baxter, Clements, Smith e Tomás.

firmada à luz do manuscrito de Hugh Nevill que se encontra na British Library ⁽⁹⁾. A hipótese que defendo é a de que o texto folclórico define e reforça a identidade da comunidade, bebendo nas suas múltiplas fontes e nas práticas locais, e que por isso mesmo subsistiu, nos mais diversos locais da Ásia, durante mais de 450 anos.

Os contactos com a Ásia abriram profundas transformações nas fronteiras da identidade portuguesa. A costa do Malabar, na Índia, era bordejada por fortes que mantinham um comércio marítimo (de pão, porcelanas, ópio, anil, coco, canela, pimenta, drogas, cravinho, pano de algodão, marfim, cafres) desde Moçambique até à China e que serviam de apoio às comunidades mestiças de colonos portugueses, muçulmanos, negros, cristãos nativos e de hindus. Em 1635 Bocarro descreveu do seguinte modo a população característica da importante cidade de Chaúl:

A gente que mora dos muros a dentro desta cidade en cazas muy boas sobradadas de pedras e cal são duzentos cazados Portuguezes, e sincoenta pretos Christãos da terra os quaes hũs por outros tem cada hum escravo que possa tomar armas (...) a causa de serem os escravos tam poucos he porq̃ todos fogem pera terra dos mouros, vivem alem destes nos arrabaldes referidos e em m.^{tos} palmares e ortas dos Portuguezes q̃ estão pouca distancia da Cidade, e quazi debaixo da artelhr.^a de seus muros, quinhentos homes cazados pretos entre christãos e gentios. (Bragança Pereira 1937: 197-98).

Num estudo sobre o português do Sri Lanka, Smith faz notar que por volta do início do séc. XVII se usava, no litoral, um falar baseado no português. Tinham-se formado comunidades crioulas constituídas por eurasiáticos, mestiços (chamados "Topázios") e africanos orientais (designados pelo termo português "Cafres"), que trouxeram consigo um Português novo e diferente, de tipo "pidgin" ou acrioulado. Os filhos dos *casados* portugueses terão tomado contacto com essa língua crioula através dos criados domésticos negros, alguns dos quais haviam sido escravos em Goa. Quando, em 18 de Abril de 1683, o forte português de Baticaloa se rendeu, o almirante holandês Willem Jacobsz Coster deparou com 700 habitantes: 50 portugueses e mestiços, segundo a

⁽⁹⁾ O manuscrito de Hugh Nevill com poesias do Sri Lanka em Português crioulo é transcrito e comparado a compilações anteriores no nosso recente livro *Sing Without Shame: Oral Traditions in Indo-Portuguese Creole Verse*.

crianças. Em Bataloa, e de acordo com registos da igreja local, só no século passado é que os grupos distintos de "burghers" de origem holandesa e portuguesa que falavam o crioulo se começaram a fundir.

No que respeita aos grupos portugueses eurasiáticos falantes de crioulo e às respectivas línguas, podem salientar-se dois aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, os dialectos em português "pidgin" ou acrioulado que constituíram as línguas-mães destes grupos difundiram-se rapidamente pela Ásia no período seiscentista, sendo utilizados como língua da conversação social e, muitas vezes, também das práticas religiosas e jurídicas, no seio das sociedades coloniais holandesas e inglesas até aos princípios do séc. XX. Em segundo lugar, as populações acriouladas que a partir dos finais do séc. XVII pouco ou nenhum contacto tiveram com o português padrão mas que apesar disso, e embora contra a corrente da sociedade no seu todo, mantiveram o trajar europeu e a fé católica romana, tiveram que se sujeitar a uma certa degradação social e à exclusão dos cargos públicos de maior importância. Levavam, assim, uma vida de pobreza, trabalhando como comerciantes "mecânicos" ou como artesãos, fosse como alfaiates, sapateiros, lojistas, carpinteiros, ferreiros, mecânicos de motores e, em alguns casos, agricultores.

Desde há muito que os grupos étnicos indo-portugueses — quer se chamaem Goeses, Luso-indianos, Indianos Orientais ("East Indians") de Bombaim, ou "burghers" do Sri Lanka — assimilaram e mantiveram os costumes, a religião, a língua e o folclore iniciados pelos contactos com os Portugueses. As etimologias e as expressões coloquiais anglo-indianas estudadas por Yule e Burnell (1886) denunciavam uma profunda influência e conhecimento do vocabulário português. A seguinte quadra popular em crioulo indo-português, cantada no Sri Lanka e pertencente à compilação manuscrita de Hugh Nevill que se encontra na British Library, é bem representativa da fusão de culturas e de línguas ocorrida sob o signo das viagens marítimas (Jackson, 1990: 143):

Se quera pervos, Au lo lava mea tera, Mea korpo fia barko, Brasso fia vala.

[Se quiseres, Levo-te p'ra minha terra, O meu corpo será um barco, Meu braço será vela]

(Nevill 50/18)

**Jantis muda
kondisaan/
Gente que
muda de
situação**

As imagens da diferença cultural que a experiência da Índia veio proporcionar ficaram gravadas nas páginas de uma nova literatura que alterou a língua e as letras portuguesas, pressagiando novas e mais profundas correntes europeias de Orientalismo e de exotismo. As viagens vieram alargar as possibilidades de escrita, acrescentando-lhes os mapas, a epistolografia, a poesia, os relatos de viagens, os naufrágios, o teatro religioso, as baladas, os vocabulários, as gramáticas, as rotas, os documentos, os esboços, os planos de fortalezas, os retratos de vice-reis e governadores. Numa espécie de ritual de polinização transcultural, a Ásia e a África ficaram inscritas em obras clássicas da historiografia renascentista portuguesa: é o caso da *Ásia*, de João de Barros (1552), e da *História da Conquista e Descobrimto da Índia pelos Portugueses* (1551) de Fernão Lopes de Castanheda. Entre os capitães, sacerdotes e soldados que demandaram a Índia contavam-se escritores e intelectuais portugueses seiscentistas de renome: Castanheda, Luís de Camões, Fernão Mendes Pinto, Garcia de Orta, Diogo de Couto. Todos eles incorporaram nas suas vidas e obras uma certa visão da Índia, sinal do impacto que os descobrimentos tiveram na criatividade europeia e que viria a transformar as artes, a ciência e a filosofia. Duas obras-primas da literatura ocidental surgiram em consequência das viagens dos Portugueses: *Os Lusíadas* (1572) de Camões e a *Peregrinação* (1614) de Fernão Mendes Pinto. Ao descrever o Oriente, estes autores estavam também a reescrever Portugal e o barroco europeu através da realidade de uma nova paisagem, de diferentes línguas e da interpenetração das culturas. Um dos primeiros livros ocidentais a ser publicado na Índia, o tratado de Garcia de Orta sobre medicina e frutos tropicais intitulado *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais de India* (1563), faz da própria diferença uma ciência. As tensões maneiristas em que se reflectia o conflito entre o humanismo e a contra-reforma acabaram por se estender aos temas asiáticos: o *Velho do Restelo* de Camões e o *Soldado Prático* de Diogo do Couto, representando embora o humanismo, punham também em questão a própria ética e a filosofia das viagens dos descobrimentos, ao mesmo tempo que davam a perceber, ainda que de forma inconsciente, a existência de uma brecha inesperada na imaginação ocidental neste seu encontro com terras asiáticas.

***Canta dratoe
Purtieges/
Canta em bom
Português***

175

Corria o ano de 1593, e em Lisboa o historiador João de Barros referia, entre os valores mais duradouros da expansão dos Portugueses, a sua religião, os seus costumes e a sua língua, que segundo ele sobreviveriam às forças destrutivas do tempo. A língua portuguesa, que se foi transformando em crioulo pelo contacto com outras línguas em África e na Ásia, começou a funcionar como língua franca para as áreas do comércio, da vida doméstica e da religião, emprestando a todas as línguas que com ela contactavam e se relacionavam um vocabulário extenso: *chave, vidro, camisa, mesa, alfinete... etc.* (10). Por volta de 1875, o estudioso luso-indiano Gerson da Cunha considerava a influência linguística como a prova mais persistente da presença portuguesa na Índia: "Todos os monumentos — sejam eles edifícios ou arquivos — daquilo que outrora foi o vasto domínio dos Portugueses no Oriente estão a desaparecer rapidamente. Os únicos documentos capazes de desafiar mais longamente a acção do tempo serão as moedas. Porém, quando também estas tiverem perecido, não-de ser as marcas orais que enriqueceram as línguas do Oriente que não-de continuar a existir e a dar testemunho do domínio e da influência dos Portugueses sobre essas paragens no passado"(Cunha, 1876: 72). Um século depois de Gerson da Cunha, e como que assinalando os quinhentos anos dos descobrimentos, a língua e a cultura portuguesas ainda se encontram presentes em muitas comunidades da Índia e do Sri Lanka, dando voz aos vestígios materiais do passado através de um sincretismo em que se misturam língua, raça, costumes, a arquitectura, a cozinha, a música, a literatura e o folclore. O mais duradouro contributo português para a civilização indiana consiste na criação de um povo indo-português bem demarcado, embora em grande parte ainda não reconhecido como tal, cuja língua, história cultural e identidade são o produto da fecundação múltipla e recíproca de realidades com origem europeia, africana e asiática.

*Sie Kere canta, Canta dratoe purtieges, Numiste canta,
Mallaiye landes.*

*[Se queres cantar, Canta em bom português, Não cantes
em holandês malaio.]*

(Nevill 59/101)

(10) Entre os inúmeros estudos dedicados à influência do português nas línguas asiáticas veja-se, por exemplo, Anthony Xavier Soares, 1936.

A cultura portuguesa provém de materiais tanto orais como escritos; as suas fontes europeias reportam-se à balada, à poesia popular e religiosa, ao teatro medieval, aos livros de cavalaria e aos contos tradicionais (11). As comunidades eurasiáticas, formadas a partir da rede de povoados costeiros que constituíam a própria base do império marítimo, assimilaram e alteraram os materiais de origem portuguesa, como é o caso das baladas ou romances indo-portugueses estudados por João Figueiredo Filho. O sincretismo com as línguas e culturas de África e da Ásia veio conferir estrutura, léxico e contexto ao processo de crescimento dos dialectos indo-portugueses. As poesias acriouladas, geralmente conhecidas entre os seus executantes por *cantigas*, reflectiam esta diversidade, surgindo como uma forma estética preponderante de expressão da comunidade. As *cantigas* populares ou folclóricas são cantadas e dançadas com o acompanhamento de conjuntos instrumentais. Os temas das quadras da poesia crioula traduzem certos ciclos e rituais muito significativos da vida da comunidade indo-portuguesa: as viagens por barco e por terra,

*Eu tanda Bengalla, Riva de oen cheecha, Lo trissa oen
noiva, Kie bonitoe oen beecha*

*[Eu vou a Bengala, Em riba de um gecko, Vou trazer uma
noiva, Uma linda donzela];*

(Nevill 53/69)

a classe e a condição sociais,

*Ne iste caminho nona, caminho de pase, Aqui te mora
nona, todo casta baço*

*[Neste caminho, senhora, neste caminho tão pisado,
Quem aqui mora, senhora, são todos de casta baixa];*

(*Cantigas* 65)

a sátira e a crítica social,

*Agor' su meninas nona, num poi confia, Até anda igreja,
até padre da caza*

*[Nos tempos de hoje, senhora, não se pode nas meninas
confiar, Até que vão à igreja, até o padre as casar];*

(*Cantigas* 15)

(11) O jesuíta Mário Martins e L. Quintas Neves dedicaram-se ao estudo do teatro de bordo, ao passo que Teófilo Braga, Fernando Pires de Lima, Pedro Fernandes Thomaz, José Leite de Vasconcelos e Carolina Michaelis de Vasconcelos, entre outros, publicaram estudos do romancelheiro. Luciana S. Picchio salienta o papel que o teatro jesuíta, com o seu início em 1553, teve para a evangelização, desde a Índia até ao Japão. As obras jesuítas, escritas, quer em latim, quer nas línguas locais, iam buscar os temas à Bíblia,

o enamoramento, os casamentos arranjados e as propostas de casamento,

Papegaai ne giola, batté azas quer' curre, Menina ne janela, batté peto quer morre

[Papagaio na gaiola, bate as asas quer voar, A menina na janela, bate no peito, quer morrer];

(Cantigas 32)

o amor e o matrimónio,

Ovi minha rogo nona, eu qui te falla, Si não da caza, eu ca furta lo leva

[Ouvi os meus rogos, senhora, sou eu que vos falo, Se não vos casardes, eu comigo vos levarei];

(Cantigas 71)

os provérbios e conselhos,

Si toma amor nona, valé tome oen home, Si toma oen creança nona, lo acha mal nome

[Se vos tomardes de amor, senhora, mais vale que escolhais um homem, Porque se escolherdes um rapaz, mal ficará à vossa reputação]

(Cantigas 20)

e o cantar em si mesmo,

Toma vi rabana nona, vamos nos canta, Pussa oen cadeira nona, diante santa

[Pegai na rabana, senhora, e vamos cantar, Puxai uma cadeira, senhora, P'ra diante de nós vos sentardes]

(Cantigas 36)

A interpretação oral da poesia crioula por parte do grupo e dentro dele confere significado à celebração, à reconstituição e à renovação da vida da comunidade. Foi logo desde os primeiros contactos que os textos folclóricos indo-portugueses se começaram a difundir pelas comunidades situadas ao longo das costas indianas, alastrando-se para lá da Taprobana até Malaca, às Molucas ou Ilhas das Especiarias, a Macau e ao Japão.

às hagiografias e às histórias nacionais ou da cultura clássica e caracterizavam-se pela sua extravagância cénica (Picchio, 1969: 160-61). Sabeena Raphy estudou, em relação à Índia, um exemplo sobrevivente de teatro local situado nesta tradição: o "Chavittu-Natakam", ou ópera dramática de Kerala.

*Pega vossa saia nona, Mostra vosso jeito, Eu lo da
sagowatti nona, Si baila bemfeito*

*[Arregaçai vossa saia, senhora, Mostrai vosso jeito, Eu
vos dou uma prenda, senhora, Se o vosso bailar for bem
feito]*

(Cantigas 24)

As poesias recolhidas por todo o mundo indo-português atestam bem da coerência do texto folclórico enquanto discurso eurasiático novo. Cantados com a finalidade de celebrar e de reafirmar a identidade, os versos indo-portugueses cobrem toda a gama de temas da vida da comunidade acima referidos, de que se podem citar os mais variados exemplos. O extenso *cancioneiro* dos negros da Índia portuguesa celebra desta maneira a natividade em Diu:

*Sã Pal já batê sin, Meia noite, já nacê minin, Meia-noite,
Já nacê minin*

*[São Paulo já tocou o sino, É meia-noite, já nasceu o
menino, É meia-noite, já nasceu o menino]*

(Quadros 1899)

e descreve o dançar desta forma humorística:

Niguerinha baix de manguêr, Qui tá fasé? Tá buli cadêr

*[Ó Negrinha debaixo da mangueira, Que está tu a fazer?
'tou a bulir as cadeiras]*

(Quadros 1907)

Em "Oh Mãe", uma composição recolhida em Damão, Moniz oferece uma subtil ilustração de algumas poesias usadas como forma de galanteio e que são reminiscentes da *cantiga de amigo* medieval:

*Oh mãi qui hom aquel é, Oh mãi qui hom aquel é, qui já
passou baix de janella, qui já passou baix de janella, quem
sab senhorá, eu não olho nada*

*[Oh mãe, que homem é aquele, Oh mãe, que homem é
aquele, que passou agora debaixo da janela, que passou
agora debaixo da janela, quem sabe senhora, eu não vi
nada].*

(Moniz 1923: 294)

O motivo do anel de ouro foi por nós identificado (Jackson, 1979) como sendo um fragmento que restou da balada ibérica conhecida por *Bela Infanta*:

*Analla de oroe, Sathi padra joontho, Sie Kerra analla,
Kasa minhe juntho*

*[Anel de ouro, de sete pedras, Se quiserdes o anel, Casai
comigo].*

(Nevill 52/46)

Os dias das festas religiosas de São Gonçalo e de São João são festejados em verso:

*S. Gonçalo de Amarante, cazamenteiro das velhas,
porque não cazay as môças, que mal vos fizerão ellas?*

Moniz, 1910

*Amanhã é S. João, Grande di nosso terra, Toda a festa
se encerra, Na barriga, na barriga*

*[Amanhã é S. João, Um dia grande na nossa terra, E toda
a festa se encerra Na barriga, na barriga].*

(Moniz 1910: 15, 5-6)

A sátira, o humor e a relação amorosa andam muitas vezes juntos,

*Rôz branca Bastiana, Do jardim de mim pêt, Quem querê
êss rôz, Bastiana, Butá mão, tirá com gêt.*

*[Rosa branca, Bastiana, Do jardim do meu peito, Quem
essa rosa quisier, Bastiana, Que bote a mão, tire-a com jeito],*

(Quadros 1907)

e também se canta a mulher indo-portuguesa:

*Konda Kotta Kotta, Konda tha arraka, Maskie tha trigaroo,
Thambo uen bunaka*

*[A trança pinga, pinga, A trança tem vinho de palma,
Embora seja trigueira, a Rosa-maçã é uma boneca].*

(Nevill 58/57)

Os desenganos amorosos e a pobreza espelham bem o orgulho e o baixo nível económico dos povos indo-portugueses:

*Comê arec-bet, Num cuspi no chão, Cuspi no meu peito,
Regáe coração*

*[Come as folhas da arequeira, Não cuspas no chão,
Cospe antes no meu peito, Rega o meu coração];*

(Dalgado 1903: 23)

*Ainda que sou pobre, andando pela rua, a minha opinião
é maior que a sua*

(Moniz 1923)

*Amor ja falla, minha junto lo morre, Quando olha pobreza,
ella ja salta ja curre*

*[O meu amor disse, que junto a mim morreria, Mas
quando viu a pobreza, logo fugiu a correr].*

(Nevill 51/21)

O texto folclórico é, acima de tudo, um convite constante ao prazer da canção, num momento de interpretação que é simultaneamente celebração e saudade, novidade e reconstituição:

*Toma vi rabana nona, vamos nos canta, Pussa oen
cadeira nona, diante santa*

*[Pegai na rabana, senhora, e vamos cantar, Puxai uma
cadeira, senhora, P'ra diante de nós vos sentardes]*

(Cantigas 36)

Cantha nona cantha nona cantha sen vargonya

[Cantai senhora, Cantai senhora, cantai sem vergonha].

(Nevill 59/89)

As comunidades indianas da costa ocidental constituem um repertório histórico rico da cultura, das artes e da língua portuguesas. O velho porto de Chaúl, situado 56 quilómetros a sul de Bombaim, tornou-se, em 1524, um importante centro religioso e de comércio para os Portugueses. Na aldeia de Korlai, estabelecida em 1740 ao sul do rio Kundalika perto das ruínas do forte do "Morro de Chaúl", e depois de terem partido para Goa todos os portugueses com possibilidades económicas para o fazerem, foi detectada a existência, na sequência dos contactos desenvolvidos por Mitterwallner e Theban nos anos 60 e 70, de um Português crioulo vivo que ainda se falava ao cabo de 250 anos. Para além da poesia crioula, esta aldeia é um repositório de contos tradicionais (Jackson, 1987), recolhidos em grande parte por Clements em 1990-91. Em Dezembro de 1987, Helena de Sousa, anciã da aldeia, foi acompanhada pelas mulheres de Korlai a entoar a canção tradicional *Maldita Maria Madulena*, sobre uma mulher elegante mas voluntariosa:

*Maldita Maria Madulena, Maldita firmoza!
Ai compra mandar fulhi Madulena, Vistida de mata*

*[Maldita Maria Madulena, beleza amaldiçoada
Ai compra e manda uma flor madulena, Vestida para
matar].*

(Jackson, "Field Notes")

Embora se diga que os crioulos indo-portugueses estão em vias de extinção, existem presentemente em Diu e em Damão grandes grupos de falantes, restando também vestígios na região de Cochim. Em Diu há um agrupamento folclórico que canta uma canção sobre a dama eurasiática *Bahy Curcury*, que foi vista de manhã cedo a pentear o cabelo [*pentiá cabel pela manhã cêd*]. Em Damão, é um agrupamento numeroso que recria as canções de marinheiros que regressavam ao porto cantando entoando loas a uma Luzi (Maria da Luz):

*Barra de Damão, mi Luzi, estreit e comprid, alagra na
entrad, trist ne saíd*

*[Barra de Damão, minha Luzi, estreita e comprida, alegre
à chegada, triste à saída].*

(Moniz, 1923)

Os versos dos marinheiros evocam o poema setecentista de uma freira dominicana de Tarapor:

*Adeus terreiro gostozo, de paçatempes de mocidade,
cada vez q lembro Damão, sinto partir o coração de saudade
Adeus Virgem dos Remédios, Adeus Virgem milagrosa,
Adeus que me embarco Damão, desta barra para fora.*

(Moniz, 1923: 1278)

Segundo Moniz, em Damão os versos eram cantados por duas mulheres, alternadamente, acompanhadas por uma caixa pequena (*dôll*) — na qual era batido o ritmo com a mão ou com dois paus pequenos (*chunche*) —, por uma viola e por uma rabeça. Na ilha de Vaipim, em Cochim, Francis Paynter recorda uma história sobre uma tal Maggie, uma mestiça escura e de mau génio, que insistia em comer o pão [*põn*] reservado à loura *reinol* dama Luzi, em vez de comer o pão ázimo [*bol*] próprio da classe social inferior a que pertencia. Hoje em dia isoladas ou esquecidas, as comunidades luso-indianas — em Korlai, Damão, Vaipim — falam, com vozes irreconhecíveis ou deslocadas, de um

passado remoto cuja história cultural mistura Portugal com a Índia:

*Vos de minhe frontie, Basoe de Koráál, None mea
donsala, Nona portugáál.*

*[Vós, defronte de mim, Lábios de coral, Senhora minha
donzela, Senhora de Portugal]*

(Nevill 53/58)

Os indo-portugueses praticavam uma cultura de cunho religioso e musical, rica no campo das artes e na arquitectura. O violinista Michael Martins dá-nos uma descrição das tradições concani e marítimas presentes na dança goesa de salão chamada *Mandó*. O padrão e o ritmo seguem o tom sentimental da poesia concani, apresentando um acento sincopado no quinto tempo num compasso de 6 por 4. Era uma dança de cortejar dançada por mulheres vestidindo traje chinês ou malaio e acompanhada por um tambor de barro. Em 1870, Miguel Vicente Abreu publicou versos em que se satirizava o uso da saia de balão nos salões de baile goeses:

*A saia que assemelha, a uma balea gigante, a saia cari-
catura, de mil trombas de elefante*

(Abreu 1866-70: 3, 37)

A existência de pequenos conjuntos musicais a acompanhar as danças e canções em crioulo constitui um indício claro da presença dos povos indo-portugueses na Ásia. E inclusivamente, nos tectos das igrejas de Damão podem ver-se anjos a tocar instrumentos de corda.

*Bossa bossa baila, Bonitoe baila, Bossa jatoe per da
gosto, Eau joento per Kassa.*

*[O vosso modo de dançar, Esse bonito modo de dançar,
O vosso jeito dá gosto, Convosco eu me vou casar]*

(Nevill 54/88)

***Singelle nona/
Nona Purtugaal:
Senhora
Portuguesa de
Bataloa***

Desde finais do séc. XVI até meados do séc. XVII, o domínio português influenciou de forma decisiva a língua, a cultura e a religião de todas as regiões do Sri Lanka à excepção do Reino de Canda, uma presença que ainda hoje é visível no uso generalizado de apelidos portugueses ⁽¹²⁾.

⁽¹²⁾ Para o levantamento histórico da presença portuguesa no Sri Lanka, v. T. B. H. Abeyasinha, *Portuguese Rule in Ceylon, 1594-1612*, Colombo, Lake House, 1966; e Chandra R. De Silva, *The Portuguese in Ceylon, 1617-1638*, Colombo, H. W. Cave & Co., 1972.

Um dos primeiros olhares sobre a vida social cingalesa á a obra de João Ribeiro *Fatal History of Portuguese Ceylon*, publicada em 1685. Os Portugueses desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da cidade de Colombo e de povoações e fortalezas costeiras, tais como Gale, Kalutara, Colombo, Negumbo, Manar, Jafna, Trincomali e Baticaloa. Estes postos-avançados tornaram-se centros de difusão da língua crioula, da música e dos costumes, que assim se foram alastrando a toda a ilha. O templo de Embekka, nas proximidades de Canda, guarda discretamente um ícone verdadeiramente emblemático do carácter duradouro da presença portuguesa: a figura, em talha, de um cavaleiro português rodeado de motivos religiosos budistas.

Singelle nona Singelle nona, Veeanda lava, Savam nuthen bolsa nuthen, Korpuper roosa.

[Menina cingalesa, Menina cingalesa, que eu vi quando ia para o banho, Sem sabão nem bolsa, a esfregar o corpo]

Nevill 57/43

Os portugueses de ascendência mista do Sri Lanka, conhecidos pelo termo holandês "burghers", constituem actualmente menos de 1% da população. Uma forma acrioulada de Português, de uso generalizado nas áreas do comércio, do direito e da doméstica, conseguiu sobreviver até ao séc. XX, dela se podendo encontrar ainda hoje algumas bolsas de sobrevivência. Não é por acaso que o vocabulário de Callaway, publicado em 1818, englobava o Português, o Inglês e o Cingalês. Os "burghers" de origem portuguesa, sendo embora de baixa condição social, eram bem conhecidos pela sua língua, costumes, música e poesia. No Sri Lanka, as referências às formas musicais *kafrinha* e *chicote* evocam uma influência africana, onde a *negrinha* [a rapariga nativa] toma o lugar da *nona* [senhora] portuguesa. Segundo Goonatilleka (1970: 150), estas formas dão expressão a um acentuado espírito de discórdia, de rivalidade, de humor, de paródia e de sátira. Em 1982, ainda era possível ouvir as raízes africanas da música dos "burghers" de origem portuguesa pela voz dos "Puttalam Kaffirs", grupo que canta versos num português crioulo que nem os seus próprios membros compreendem. Na década de 70, o maior grupo organizado de "burghers" em existência — a "Batticaloa Catholic Burgher Union", da cidade do mesmo nome situada na costa oriental — ainda promovia noites de dança e canto

de poesia crioula acompanhados por conjuntos musicais e por quantidades generosas de araca; músicas e danças semelhantes, por nós gravadas em 1975, serviam para animar uma comunidade cristã localizada no santuário da floresta de Palyuttu, perto da baía e porto de Trincomali. A interpretação ao vivo de qualquer *cantiga* eurasiática — seja em Diu, Damão, Chaúl, Vaipim, Baticaloa ou Trincomali — comunica sempre um sentimento de festa, música, dança, de energia e de identidade. O arranjo instrumental tradicional inclui o banjo ou o ukulele, um tambor preso pela mão, os ferrinhos e, eventualmente, o violino ou a viola. A música, muito sincopada mas melódica, é, regra geral, dançada por quatro pares. Nos versos de raiz folclórica que a acompanham, a *nona* ou donzela cingalesa é geralmente o objecto de sedução, de amor, de namoro e de casamento por parte de um jovem desprovido de meios. A *baila*, um tipo de música popular cingalesa moderna, não é mais do que uma adaptação das *kafrinhas*, melodias do folclore dos “burghers” (13).

Nono de Colombo, Sava botha boloe, Maridoe ne brassoe, Amnigo ne Koloe

[*Senhora de Colombo, Sabe fazer bolos, Marido nos braços, Amigo no colo*]

(Nevill 53/64)

Os cantares e a poesia folclórica da comunidade sobrevivem como núcleo pertinaz de uma síntese cultural que fala por meio de metáforas, de símbolos, de sonhos e de anseios bebidos em 500 anos de intercâmbio entre Portugal e a Ásia. Aí ainda é possível encontrar, espalhados por pequenos territórios, por fortalezas, igrejas, e comunidades situadas ao longo das costas da Índia e do Sri Lanka e desde Diu até Baticaloa, surpreendentes vestígios da presença de gentes, costumes e línguas (14). Foi aí, de facto, que a expansão marítima criou as condições para uma fusão espacial e cultural entre os povos de Portugal, da África e da Índia, povos esses que continuaram as tradições portuguesas de uma forma activa.

(13) Num trabalho comparativo sobre derivações transculturais pouco vulgares, Krister Malm e Roger Wallis (1985) estudaram a *baila* cingalesa e o calipso das Caraíbas. Sunil Ariyaratna (1985) relaciona a *kafrinha* com a música *baila* no contexto do Sri Lanka contemporâneo.

(14) Para se ajuizar da sobrevivência de uma poesia folclórica acrioulada e da sua pertinência para a sociedade local, atente-se na publicação anónima, ocorrida no ano de 1914 em Matara, no Sri Lanka, de uma colectânea de 100 “cantigas” populares sob o título *Cantigas ne o lingua de portuguez*, que nós mesmos transcrevemos e traduzimos (1991).

Seus beijos cumprido, Seus olhos torcido, Rosto de rabana, Tem cafre de Inhabano

[Com seus beijos cumpridos, Seus olhos retorcidos, Rosto de rabana, Eis um cafre de Inhabano.]

(Moniz 1925: 572)

Em “Cantiga de Ceilão”, o poeta Jorge de Sena deteve-se sobre o possível significado actual dos textos folclóricos recuperados no Sri Lanka. Sena vê este fenómeno como o simulacro visível da identidade indo-portuguesa, e fá-lo centrando-se no papel do texto folclórico, o qual vai sendo alterado ao longo dos tempo por outros textos e outros sons, na memória cultural de um povo isolado e esquecido, abandonado por um país que ele nunca conheceu:

185

Escritos em caracteres tamis, e transcritos com fonética
[inglesa

por quem mal sabe a língua em que soavam (...)
estes versos emergem com uma tranquilidade
terrível de língua morta a desfazer-se
e cujos ossos restam dispersos num e de um rimance
cantado há quatro séculos numa terra alheia.

Distâncias de oceanos os conduziram como hábito
de serões e vigílias. Solidões do longe
os ensinaram a quem partilhou tédios e saudades.
E apesar de outros povos, outros domínios, outros reinos
ficaram nas memórias teimosas de abandonada gente (...)
presa por um fio
a um país esquecido e que se esquece ao longe ...

Os povos indo-portugueses habitam um mundo espiritual de alteridade, a meio caminho entre as realidades portuguesa e indiana. O seu modo de vida é, em si mesmo, símbolo de transformação e transfiguração: a junção de continentes, raças, línguas e práticas religiosas. Grupo multilingue, multi-racial e multicultural, os indo-portugueses ocupam um lugar à-parte, no qual ecoa toda a lonjura oceânica. Nascida da conquista e da ocupação, a sua civilização tornou-se religiosa e metafórica. Tal como escreveu Fernando Pessoa a propósito das baladas marítimas, as suas tradições há muito que vêm sendo passadas de alma em outra, sob o permanente risco de naufrágio:

Cantigas de Portugueses, São como barcos no mar
Vão de uma alma para outra, Com risco de naufragar

Desafiando o risco e subsistindo para além do próprio império, o texto folclórico indo-português — sistema cultural de feição literária e musical com contornos bem definidos em que misturam povos e tradições de três continentes — sobreviveu ao longo de 500 anos na Ásia, qual voz esquecida dos “descobrimentos”.

Maskie tha bunetoe, Papoogagu verdee, Adie iste cantiges, Todoe then verdade.

[Mas que bonito é, O papagaio verde, Estas cantigas, Todas são verdade]

(Nevill 58/64) ■

Tradução de Ângela Moreira

**Referências
bibliográficas**

- Abreu, Miguel Vicente 1866-70 *Ramalhinho de alguns hymnos e canções profanas em portuguez e concani, offerecido à mocidade goana de ambos os sexos*, N^o 1 (Jan. 1866); N^o 2 (March 1870); N^o3 (April 1870).
- Ariyaratna, Sunil 1985 *An Enquiry into Baila and Kaffirinna*. Colombo, Dayawansha Jayakody Samagama. [Texto em singalês]
- Barros, João de 1539 *Grammatica da lingua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*. Lisboa.
- Baxter, Alan 1985 *Kristang (Malaka Creole Portuguese)*, Diss. Canberra, Australian National University.
- Bragança Pereira, A. B. de 1937 *Arquivo Português Oriental* (Nova Edição), Tomo IV, Vol. II, Parte I, Bastorá, Tipografia Rangel.
- Callaway, Rev. John 1818 *Vocabulary with Useful Phrases, and Familiar Dialogues; in the English, Portuguese and Cingalese Languages*, Colombo, Wesleyan Mission Pres.
- Cantigas* 1914 *Cantigas ne o lingua de portuguez*, Impressado ne Matre, Sridhara Press, 23 de Juni.
- Coelho, Adolfo 1880-82 Dos dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. Ceilão, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 2^a Série (1880), 56-167; 3^a Série (1882), 462-66; reed. in Jorge Morais-Barbosa (org.), *Crioulos, Estudos Lingüísticos*, Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967.
- Cunha, Gerson da 1876 *Notes on the History and Antiquities of Chaul and Bassein*, Bombay, Thacker, Vining & Co.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo 1900a *Dialecto Indo-Português de Ceylão*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo 1900b "Dialecto Indo-Português de Goa", *Revista Lusitana*, vol. 6, 63-84.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo 1903 "Dialecto Indo-Português de Damão", separata de *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, Série III, 3, 6; 4, 2.4.5.1-36, Lisboa, Companhia A Editora.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo 1906 "Dialecto Indo-Português do Norte", *Revista Lusitana*, vol. 9, 142-66, 193-228.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo 1913 *Influência do Vocabulário do Português em Línguas Asiáticas: Abrangendo Cêrca de Cinquenta Idiomas*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo 1916 *Contribuições para a Lexicologia Luso-Oriental*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo 1917a "Dialecto Indo-Português de Negapatão", *Revista Lusitana*, vol. 20, 1-4. 4-53.

- 188
- Dalgado, Sebastião Rodolfo 1917b *Gonçalves Viana e a Lexicologia Portuguesa de Origem Asiático-Africana*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo 1919 "Berço duma cantiga em indo-português", *Revista Lusitana*, vol. 22, 108-14.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo 1936 *Portuguese Vocables in Asiatic Languages*, trad. Anthony Xavier Soares, Baroda, Oriental Institute.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo 1982 [1919, 1921] *Glossário Luso-Asiático*, 2 vols, Hamburgo, Buske. [Reed., Coimbra]
- De Silva, Daya 1987 *The Portuguese in Asia: An Annotated Bibliography of Studies on Portuguese Colonial History in Asia, 1490-c.1800*, Zug, IDC.
- Fernando, Tissa 1972 "The Burghers of Ceylon", in Noel P. Geist; Dworkin, Anthony G. (orgs.), *The Blending of Races: Marginality and Identity in World Perspective*, Nova Iorque, John Wiley & Sons, 61-78.
- Figueiredo Filho, João Manuel Pacheco de 1958 "Romances Velhos Indo-Portugueses", separata do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Outubro-Dezembro.
- Fine, Elizabeth C. 1984 *The Folklore Text: From Performance to Print*, Bloomington, Indiana University Press.
- Goonatilleka, M. H. 1970 "Ceilão e Portugal Relações Culturais", separata de *Studia*, vol. 30-31, 113-66.
- Goonatilleka, M. H. 1985 "A Portuguese Creole in Sri Lanka: A Brief Socio-Linguistic Survey", in Souza, Teotónio R. de (org.). Nova Delhi, Concept, 147-80.
- Hancock, Ian F. 1975 "Malaccan Creole Portuguese: African, Asian or European?", *Anthropological Linguistics*, vol. 17, 211-36.
- Jackson, Kenneth David 1979 "Ballad Fragments in the Portuguese Folklore of Sri Lanka", in Romeralo, António Sánchez; Catalán, Diego; Armistead, Samuel (orgs.), *El Romancero Hoy: Nuevas Fronteras / The Hispanic Ballad Today: New Frontiers*, Madrid, Gredos, 135-43.
- Jackson, Kenneth David 1985 "O Folclore do Crioulo Português da Índia e de Sri Lanka (Ceilão)", in Cintra, Luís F. Lindley (org.), *Actas do Congresso sobre a Situação da Língua Portuguesa no Mundo*, Lisboa, Imprensa Nacional, 339-46.
- Jackson, Kenneth David 1987 "Um Conto Folclórico no Crioulo Indo-Português", *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, Paris, Ed. Recherche sur les civilisations, vol. 46-7, 89-98.
- Jackson, Kenneth David 1990 *Sing Without Shame: Oral Traditions in Indo-Portuguese Creole Verse*, Amsterdão e Macau, John Benjamins, Cultural Institute of Macau.
- Jackson, Kenneth David 1991 "Indo-Portuguese *Cantigas*: Oral Traditions in Ceylon Portuguese Verse", *Hispania*, vol. 74, nº 3, 618-26.

- Jackson, Kenneth David 1971 Field Notes [Apontamentos de Observação no Terreno].
- Loman, Alan; Halifax, Joan 1971 "Folk Song Texts as Culture Indicators", in Maranda, Pierre; Maranda, Elli (orgs.), *Structural Analysis of Oral Tradition*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 235-67.
- Lopes, David 1969 *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente Durante os Séculos XVI, XVII, e XVIII*, Porto, Portucalense Editora [2.^a ed.].
- Malm, Krister; Wallis, Roger 1985 "The Baila of Sri Lanka and the Calypso of Trinidad", in Chaffee, Steven H. (org.), *Communication Research*, vol. 12, nº 3, 277-300.
- Marques Pereira, João Feliciano (org.) 1901 Cancioneiro Musical Crioulo, *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, Lisboa, Companhia A Editora, Série II, vol. 1, 239-43; vol. 2, 703-7.
- Martins, S. J., Mário 1973 *Teatro Quinhentista nas Naus da Índia*. Lisboa, Edições Brotéria.
- Martins, Michael 1954 "The Mandó: A Note on Some of its Musical Characteristics", *Marg* [Bombay], vol. 8, nº 1 (Dez.), 62-63.
- McGilvray, Dennis 1982 "Dutch Burghers and Portuguese Mechanics: Eurasian Ethnicity in Sri Lanka", *Comparative Studies in Society and History*, vol. 24, nº 2, 235-63.
- Mitterwallner, Gritli von 1964 *Chaul: Eine unerforschte Stadt an der Westküste Indiens*, Berlin, Walter de Gruyter & Co.
- Moniz Jr., António Francisco 1910 "A Devoção a S. Gonçalo de Amarante em Damão", *O Oriente Portuguez*, vol. 7-8, 201-9.
- Moniz Jr., António Francisco 1923 *Notícias e Documentos para a História de Damão*, vol. 1, Bastorá, Goa, Tipografia Rangel [2.^a ed.].
- Neves, L. Quintas 1958 "O Teatro Popular na Expansão Colonial dos Portugueses", separata do *Arquivo do Minho*, vol. 2, Viana.
- Paiva Boléo, Manuel de 1974 "O Estudo das Relações Mútuas do Português e do Espanhol na Europa e na América, e Influência destas Línguas em Territórios da África e da Ásia", *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, Vol. I, Dialectologia e História da Língua, Tomo I, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis.
- Picchio, Luciana S. 1969 *História do Teatro Português*, Lisboa, Portugalíia.
- Quadros, Jeronymo 1899 *Diu: Apontamentos para a sua História e Chorographia*, Nova Goa, Typographia Fontainhas.
- Quadros, Jeronymo 1907 *Cartas de Diu, Primeira Série (1902-1905)*, Nova Goa, Typographia da Casa Luso-Francesa.
- Raphy, Sabeena 1969 "Chavittu-Natakam: Dramatic Opera of Kerala", *Sangeet Natak. Journal of the Sangeet Academy* [Delhi], vol. 12, 56-73.
- Ribeiro, João 1835 *Fatalidade Histórica da Ilha de Ceilão* (1685). Lisboa, Academia das Ciências, 1836; 1948, 4^a ed. *The Historic Tragedy of the Island of Ceilão*, trad. e org. P. E. Pieris. Colombo, Lake House.

- Roberts, Michael; Raheem, Ismeth; Colin-Thomé, Percy 1989 *People Inbetween: The Burghers and the Middle Class in the Transformations within Sri Lanka 1790s-1960s*, Vol. 1, Ratmalana, Sarvodaya.
- Scholberg, Henry 1982 *A Bibliography of Goa and the Portuguese in India*, Nova Delhi, Promilla.
- Schuchardt, Hugo 1882 "Ueber das Indoportugiesische von Cochim", *Sitzungsberichte der Philosophische-Historischen Classe der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften*, Vol. 102, 799-816.
- Schuchardt, Hugo 1883a "Kreolische Studien III. Ueber das Indoportugiesische von Diu", *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften (philosophische-historische Classe)*, Vol. 103, 3-18.
- Schuchardt, Hugo 1883b "Ueber das Indoportugiesische von Mangalore", *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften (philosophische-historische Classe)*, Vol. 105, 881-904.
- Schuchardt, Hugo 1889a "Beiträge zur Kenntnis des creolischen Romanisch. V. Allgemeineres über das Indoportugiesische (Asiopotugiesische)", *Zeitschrift für Romanische Philologie*, Vol. 13, 476-516.
- Schuchardt, Hugo 1889b "Beiträge zur Kenntnis des creolischen Romanisch. VI. Das Indoportugiesische von Mahé und Cannanore", *Zeitschrift für Romanische Philologie*, Vol. 13, 516-24.
- Silva Rego, A. da 1942 *Dialecto Português de Malaca*, Lisboa, Agência Geral das Colónias.
- Silveira, Luís 1955? *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Lisboa, Ministério do Ultramar.
- Smith, Ian Russell 1977 *Sri Lanka Creole Portuguese Phonology*, Diss., Cornell University.
- Smith, Ian Russell 1979 *Convergence in South Asia: A Creole Example*, *Lingua*, Vol. 48, 193-222.
- Soares, A. Xavier 1936 *Portuguese Vocables in Asian Languages*, Benoytosh Bhattacharyya.
- Tabucchi, Antonio 1988 "Fernando Pessoa: A Nostalgia do Possível e o Fingimento da Verdade", *Revista de Cultura* [Macau], Número especial, 17-23.
- Tavares de Mello, B. C. 1907-08 "Folk-lore Ceilonense", *Revista Lusitana*, (1907) Vol. 10, 102-21, 311-20; (1908) Vol. 11, 164-75.
- Tavares de Mello, B. C. 1907-17 "Dialecto Indo-Português de Ceilão", *O Oriente Portuguez*, (1907) 435-48; (1908) 43-50, 155-70, 373-90; (1909) Vol. 11-12 (Nov.-Dez.), 405-17; (1910) 362-74; (1912) Vol. 1-2, 20-29; (1913) Vol. 1-2, 10-25; Vol. 11-12, 275-82; (1914) Vol. 5-6, 135-42; Vol. 7-8, 196-205; Vol. 11-12, 280-94; (1915) Vol. 5-6, 131-40; (1917), Vol. 5-6 (Maio-Junho), 141-51.

- Thananjayaraja- 1976 "A Portuguese Creole of the Burgher Community in Sri
singham, S.; Lanka", *Journal of the Indian Anthropological Society*, Vol. 11,
Goonatilleka, M. H. N.º 3, 225-35.
- Theban, Laurentiu 1985 "Situação e Perspectivas do Português e dos Crioulos de
Origem Portuguesa na Índia e no Sri Lanka", in Cintra,
Lindley F. (org.), *Actas do Congresso sobre a Situação
Actual da Língua Portuguesa no Mundo*, Lisboa, Imprensa
Nacional, 269-86.
- Tomás, Isabel 1992 *Os Crioulos Portugueses do Oriente: Uma Bibliografia*,
Macau, Instituto Cultural de Macau.
- Vasconcellos, 1970 *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, 2ª ed., org. Maria 191
J. Leite de Adelaide Valle Cintra. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.
- Yule, Henry; 1979 *Hobson-Jobson. A Glossary of Colloquial Anglo-Indian Words
Burnell, A. C. and Phrases*, Nova Delhi, Munshiram Manoharlal [1886].